

VII

A ANÁLISE DE DISCURSO: TRÊS ÉPOCAS (1983)

Michel Pêcheux

I. A primeira época da análise de discurso: AD-1 como exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural

A. Posição teórica

- Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes”.
- Uma língua natural (no sentido lingüístico da expressão) constitui a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos.

Esta tomada de posição “estruturalista” que se esfuma depois da AD-1 produz uma recusa (que, esta, não vai variar da AD-1 à AD-3) de qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso.

Ad-1 supõe a possibilidade de dois gestos sucessivos:

- Reunir um conjunto de traços discursivos empíricos (“*corpus* de seqüências discursivas”) fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva (por exemplo um mito, uma ideologia, uma episteme).
- Construir, a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos linguisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços: a construção efetiva desse espaço constitui um gesto epistemológico de “ascensão” em direção à estrutura desta máquina discursiva que supostamente as engendrou.

B. Conseqüências dos procedimentos

- o ponto de partida de uma AD-1 é um *corpus* fechado de seqüências discursivas, selecionadas (o mais freqüentemente pela vizinhança de uma palavra-chave que remete a um tema) num espaço discursivo supostamente dominado por *condições de produção* estáveis e homogêneas. Onde a focalização das diversas AD-1 sobre discursividades textuais, elas próprias auto-estabilizadas; por exemplo, discursos políticos sob a forma de discursos teórico-doutrinários.
- a análise lingüística de cada seqüência é um *pré-requisito* indispensável para a análise discursiva do *corpus*: a análise lingüística é considerada como uma operação autônoma, efetuable exaustivamente e de uma vez por todas. Ela supõe a neutralidade e a independência discursiva da sintaxe; ela é opaca em relação à enunciação e às restrições subjacentes ao fio do discurso (quer dizer que ela as leva em conta implicitamente).
- a análise discursiva do *corpus* consiste principalmente em detectar e em construir sítios de identidades parafrásticas interseqüenciais (isto é, entre fragmentos de se-

qüências saídas de discursos empíricos diferentes): enquanto pontos de variação combinatória, estas identidades parafrásticas formam o lugar de inscrição de *proposições de base* características do processo discursivo estudado. Uma indicação dos trajetos que conectam essas proposições entre si prolonga eventualmente a análise.

No horizonte, a idéia (que permanece em estado de idéia!) de uma álgebra discursiva, que permita construir formalmente - a partir de um conjunto de argumentos, predicados operadores de construção e de transformação de proposições - a estrutura geradora do processo associado ao *corpus*.

- “a interpretação” consiste em reinscrever o resultado desta análise no espaço discursivo inicial, como “resposta” às questões que tematizam esse espaço: o mais das vezes a interpretação toma a forma diferencial de uma comparação de estrutura entre processos discursivos heterogêneos justapostos.

Conclusão: AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as “máquinas” discursivas constituem unidades justapostas. A existência do *outro* está pois subordinada ao primado do *mesmo*:

- o outro da alteridade discursiva “empírica” é reduzido seja ao *mesmo*, seja ao resíduo, pois ele é o fundamento combinatório da identidade de um mesmo processo discursivo;
- o outro alteridade “estrutural” só é, de fato, uma *diferença incommensurável* entre “máquinas” (cada uma idêntica a si mesma e fechada sobre si mesma), quer dizer, uma diferença entre mesmos.

II. AD-2: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual

O deslocamento teórico que abre o segundo período resulta de uma conversão (filosófica) do olhar pelo qual são as *relações*

entre as “máquinas” discursivas estruturais que se tornam o objeto da AD. Na perspectiva da AD-2, estas relações são relações de força desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por “dispositivos” com influência desigual uns sobre os outros: a noção de *formação discursiva* tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”).

A noção de *interdiscurso* é introduzida para designar “o exterior específico” de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para constitui-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um “além” exterior e anterior.

Resulta que o sujeito do discurso continua sendo concebido como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da FD com a qual ele se identifica. A questão do “sujeito da enunciação” não pode ser posta no nível da AD-2 senão em termos da ilusão do “ego-eu” [“moi-je”] como resultado do assujeitamento (cf. a problemática althusseriana dos Aparelhos Ideológicos de Estado) freqüentado pelo tema spinozista da *ilusão subjetiva* produzida pela “ignorância das causas que nos determinam”.

Mas, simultaneamente, colocando uma relação de entrelaçamento desigual da FD com um exterior, a problemática AD-2 obriga a se descobrir os pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD, as zonas atravessadas por toda uma série de efeitos discursivos, tematizados como efeitos de ambigüidade ideológica, de divisão, de resposta pronta e de réplica “estratégicas”; no horizonte desta problemática aparece a idéia de uma espécie de vacilação discursiva que afeta dentro de uma FD as seqüências situadas em suas fronteiras, até o ponto em que se torna impossível determinar por qual FD elas são engendradas.

Assim, a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela a própria noção de maquinaria discursiva estrutural... e talvez também a de formação discursiva.

Do ponto de vista dos procedimentos, AD-2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível da *construção* dos *corpora* discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada.

III. A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas: AD-3

Seria inútil pretender descrever como um objeto este que se tenta hoje: apenas se pode procurar falar do interior dessa tentativa. Indicar algumas direções referíveis em um trabalho de interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo na AD, mostrar alguns fragmentos de construções novas.

A. Alguns pontos de referência

1. O primado teórico do *outro* sobre o *mesmo* se acentua, empurrando até o limite a crise da noção de máquina discursiva estrutural. É mesmo a condição de construção de novos algoritmos enquanto “máquinas paradoxais”.

2. O procedimento da AD por etapas, com ordem fixa, explode definitivamente...

- ... através da desestabilização das garantias sócio-históricas que se supunham assegurar *a priori* a pertinência teórica e de procedimentos de uma construção empírica do *corpus* refletindo essas garantias.
- ... através de uma interação cumulativa conjugando a alternância de momentos de *análise lingüística* (colocando notadamente em jogo um analisador sintático de superfície ¹⁾ e de momentos de *análise discursiva* (algoritmos paradigmáticos “verticais” e sintagmáticos/se-

qüenciais “horizontais”): esta interação traduz nos procedimentos a preocupação em se levar em conta a incessante desestabilização discursiva do “corpo” das regras sintáticas² e das formas “evidentes” de seqüencialidade (por exemplo narrativo/descritivo, argumentativo); ela supõe a *reinserção*³ dos traços destas análises parciais no próprio interior do campo discursivo analisado enquanto *corpus*, acarretando uma reconfiguração deste campo, aberto simultaneamente a uma nova fase de análise lingüístico-discursiva: a produção “em espiral” destas reconfigurações do *corpus* vem *escandir* o processo, produzindo uma sucessão de *interpretações* do campo analisado. Que lugar o “mesmo” deve necessariamente guardar no interior de tal processo de análise?

3. No nível da AD-1, a dissociação entre análise lingüística (de cada seqüência) e análise discursiva interseqüencial (de um *corpus* de seqüências) tornava vazia de sentidos a noção de análise discursiva de uma seqüência na sua singularidade. Entretanto, a análise lingüística do tipo AD-1 supunha implicitamente a homogeneidade enunciativa de cada seqüência analisada na medida em que o registro da enunciação e das restrições de seqüencialidade permanecia opaco.

O desenvolvimento atual de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos -- “interfrásticos” -- permite à AD-3 abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos “pontos de vista” e “lugares enunciativos no fio intradiscursivo”.

Alguns desenvolvimentos teóricos que abordam a questão da heterogeneidade enunciativa conduzem, ao mesmo tempo, a tematizar, nessa linha, as formas lingüístico-discursivas do *discurso-outro*:

- discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro (cf. as diferentes formas da “heterogeneidade mostrada”);
- mas também e sobretudo a insistência de um “além” interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do “ego-eu”, enunciador estratégico que coloca

em cena “sua” seqüência, *estruturar* esta encenação (nos pontos de identidade nos quais o “ego-eu” se instala) ao mesmo tempo em que a desestabiliza (nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa).

B. E sobretudo muitos pontos de interrogação...

1. Como separar, nisso que continuamos a chamar “o sujeito da enunciação”, o registro funcional do “ego-eu” estrategista assujeitado (o sujeito ativo intencional teorizado pela fenomenologia) e a emergência de uma *posição do sujeito*? Que relação paradoxal essa emergência mantém com o obstáculo, a irrupção imprevista de um discurso-outro, a falha no controle? O sujeito seria aquele que surge por instantes, lá onde o “ego-eu” vacila? Como inscrever as conseqüências de uma tal interrogação nos procedimentos concretos da análise?

2. Se a análise de discurso se quer uma (nova) maneira de “ler” as materialidades escritas e orais, que relação nova ela deve construir entre a leitura, a interlocução, a memória e o pensamento?

O que faz com que textos e seqüências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o *espaço de memória* de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal *corpo interdiscursivo de traços* se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela mas também nela?

Se o pensamento que se confronta com um “tema” sob um certo “ponto de vista” é uma *posição no interior de uma rede de questões*, como esta posição vem se inscrever, de uma só vez, nas figuras da “troca” conversacional (do diálogo à ruptura, passando por todas as formas de conflito) e nas figuras que põem em perspectiva, como gesto que estrutura um campo de leituras (indicação de filiações, de “trajetos temáticos” convocando séries textuais heterogêneas)? O que é que faz, desse mo-

do, o *encontro* entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões?

3. Como conceber o *processo de uma AD* de tal maneira que esse processo seja uma interação “em espiral” combinando entrecruzamentos, reuniões e dissociações de séries textuais (orais/escritas), de construções de questões, de estruturas de redes de memórias e de produções da escrita?

Como a escrita vem escandir tal processo, aí produzindo *efeito de interpretação*?

Como o *sujeito-leitor* emerge nessa escansão?

O que é *interrupção* nesse processo?

Em que condições uma interpretação pode (ou não) fazer intervenção?

Pode-se (re)definir uma “política” da análise de discurso?

Tradução: Jonas de A. Romualdo

NOTAS

¹ Trata-se da *gramática de superfície* (GDS) trabalhada pelo software DEREDEC. O conjunto foi concebido e realizado por P. Plante, da UQAM, em Montreal. Cf. P. Plante, “Le système de programmation Deredec”, que apareceu em *Mots* nº 6, março de 1983.

² Cf. os movimentos de fronteiras de constituinte, os deslocamentos léxico-sintáticos da aceitabilidade das construções, os equívocos gramaticais (por exemplo, sobre o estatuto do infinitivo).

³ No quadro de DEREDEC esta reinscrição é realizável por meio da construção de “Expressões de Forma Atômica Ligada” ou EXFAL: “São redes de expressões atômicas ligadas entre elas por relações orientadas, redes cuja profundidade e complexidade não são sujeitas a nenhum limite formal”. P. Plante, obra citada.

REFERÊNCIAS CRONO-BIBLIOGRÁFICAS

Sobre AD-1:

Revista *Langages* nº 11, 13, 23.

M.Pêcheux, *Analyse Automatique du Discours*, Dunod, 1969.

Sobre AD-2:

R.Robin, *Histoire et Linguistique*, A. Colin, 1973.

M.Pêcheux, *Les Vérités de la Palice*, Maspero, 1975.

P.Henry, *Le Mauvais Outil*, Klincksieck, 1977.

J.Guillaumou e D.Malidier “Courte Critique pour une longue histoire”, *Revue Dialectiques*, nº 26.

Revue Langages 37, 55, 62.

Sobre AD-3:

Matérialités Discursives, Pul, 1981.

P.Plante, *Le système de programmation Deredec*, no prelo.